

Incentivos ao Estudo e à Pesquisa

Thales de Azevedo

O alto título com que a nossa Universidade hoje me distingue, em conseqüência de generosa e estimulante proposta da querida Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, remata uma vida que não tem sido senão um esforço constante por corresponder à temerária confiança uma vez depositada em mim pelo Prof. Isaías Alves. Até a circunstância de que essa excepcional honraria me é conferida mais de doze anos depois da aposentadoria confirma o meu asserto. Acreditei sempre, com o Evangelho, que trabalhar é um dever inerente à condição humana e que a docência na Universidade acarreta primeiro a obrigação da seriedade na ministração dos cursos com o estudo, assiduidade e dignidade e, em segundo lugar, contribuir nas aulas e em publicações e outras atividades acadêmicas, quanto seja possível, para alargar o conhecimento ainda que sem ilusões vaidosas de originalidade e ineditismo ou a veleidade de excelência incomum: o essencial é aspirar sempre ao melhor embora

Discurso ao receber o título de Professor Emérito da UFBA, na Sala dos Conselhos, a 24 de março de 1982

Universitas (30): 17-24, maio/ago. 1982

com genuína e sincera modéstia na convicção de que basta ajuntar um grão de areia à edificação do saber do que nada fazer. A inclinação e preocupação em manter acesa a chama da curiosidade e a fazer da investigação desprezenciosa porém pertinaz é uma necessidade para o aperfeiçoamento pessoal do professor e vem muitas vezes de tendências, quase diria, inatas, de que não se tem mérito mas que é meritório cultivar, ou de uma educação intelectual que se deve receber principalmente na Universidade, seu ambiente mais propício, nas classes, nos laboratórios, particularmente na biblioteca e na troca de idéias com os alunos e os colegas. A última reforma universitária, se não fosse por outra razão, tem a virtude de haver instituído, como passos da carreira do magistério, os cursos de pós-graduação com ênfase na pesquisa e na elaboração de monografias que revelem a capacidade de exploração do tema escolhido, a colocação de problemas sob determinadas abordagens teóricas e metodológicas e o conveniente aproveitamento de dados pessoalmente colhidos e sistematizados. É encorajador que o início da carreira seja condicionado a tal experiência. A partir daí o que carece fazer-se é animar a continuidade do processo, interessando o docente na conscienciosa preparação das aulas e na investigação e exposição de pensamento que derive daquele contato com os problemas de sua disciplina. Essa é uma das modalidades da educação do universitário, contanto que conduzida com critérios de comprovada seriedade.

Se tenho sido movido, por um impulso interior, ao trabalho na cátedra e para além do exercício do magistério, várias motivações, acredito, me determinaram. Uma foi corresponder ao apelo de mestre Isaias àqueles que convocou para iniciarem, em sua Faculdade de Filosofia, o ensino superior das humanidades. Tive a surpreendente ventura e, acima de tudo, a imerecida honra de ser um daqueles. Ao aceitar o convité, com humildade e temor, dei-me imediatamente ao esforço de tentar o possível para fazer jus e para me desincumbir, ao menos mediocrementemente, da tarefa que me era cometida. Daí afirmar muitas vezes que, não me havendo submetido ao concurso que, noutras Faculdades, revela as capacidades e qualificações dos candidatos à carreira universitária, porque essa prova não era então requerida aos fundadores de novas unidades, ao longo de toda a minha dedicação à Antropologia e à História, vindo da Medicina, nada busquei com mais afincio do que cumprir o difícil encargo sem desdouro notório e sobretudo sem prejuízo grave para meus alunos. E já desobrigado do ensino pela aposentadoria em 1969 procurei persistir no afã que neste instante culmina e atinge seu ápice. Aliás, a Faculdade e a Universidade já foram extraordinariamente pródigas para comigo em incentivos por me qualificar àquele desempenho. Antes, muito antes de me conferirem a láurea que hoje me envaidece e de me trazerem a uma cerimônia que

reaviva as alegrias de dois momentos inesquecíveis, a formatura e o casamento, os colegas dos primeiros tempos e os mais recentes me haviam apoiado e incentivado em mais de uma significativa maneira e ocasião. Sensível e grato a essas demonstrações de confiança é que teimo em prosseguir.

Outra motivação do labor, a que responderam diversos dos mais jovens fundadores da Faculdade, foi o apelo de Isaías aos integrantes do corpo docente de sua Faculdade para que escrevessem as lições que fossem proferindo de modo a comporem compêndios de suas matérias e para que concorressem com artigos e ensaios para as páginas dos *Arquivos* do órgão. Esse convite justificava-se pela circunstância de que muitas das ciências e disciplinas a serem ali lecionadas eram novas nos currículos do ensino superior da Bahia e, até certo ponto, do país. Se é verdade que nas antigas e consagradas escolas de Medicina, de Direito, de Engenharia, as humanidades e as ciências tinham tradições e cultores notáveis, de que a Bahia nunca se orgulhará bastante, é certo que na Faculdade de Filosofia a abordagem das mesmas haveria de ser mais especializada e mais didática. Àquele chamamento responderam alguns dos componentes da novel congregação, de entre os quais me permito destacar dois nomes, os de José Valadares e de Frederico Edelweiss. Valadares, admirável vocação para a filosofia da arte, escolhido para encetar o ensino da Estética, aliando esses múnus ao de diretor do Museu do Estado, partiu para a crítica e os estudos em artigos, ensaios e livros dos quais se bebem até hoje lições sobre sua disciplina e valiosas análises de antigas coleções e pinacotecas, sobre a azulejaria colonial, sobre as obras de prataria, ouriversaria e outros refinados artesanatos que afamaram a Bahia no passado, sobre a pintura clássica e popular, sobre as funções educativas e culturais dos museus e ainda sobre os encantos e os mistérios da querida terra baiana. Disso resultou o renome que cedo alcançou com reflexos benéficos sobre a Faculdade nos cursos que ministrava com entusiasmo e contido porém legítimo brilho. Coube a Frederico Edelweiss iniciar na Bahia o ensino da língua tupi, que tinha muito poucos estudiosos no país. Isto deu lugar a que Frederico apurasse, naquele exercício, a especialização que vinha fazendo por si mesmo na biblioteca que começava a constituir, inigualada, e que constituiu um dos mais preciosos tesouros de que se opulenta nossa Universidade. Daí provêm as lições originais, os estudos filológicos e os achados, as contribuições pessoais à história da Bahia e do Brasil que lhe criaram invejável conceito e o proveito maior para seus alunos e para as instituições, particularmente o Instituto Geográfico e Histórico da Bahia e o brasileiro com que repartia seu saber e sua lucidez em aulas, artigos, conferências, comunicações a congressos e livros que o Centro de Estudos Baianos vem descobrindo e revelando aos estudiosos. Os dois mestres que tomo como exemplos

entre alguns outros merecedores de registro e reconhecimento, foram paradigmáticas em que pobremente me espelhar.

Ainda um estímulo para mim e para os que o acompanhavam foi o exemplo pessoal desse inquieto espírito e corajoso realizador, primeiro a propor a criação no Brasil de faculdades para o ensino e a indagação sobre a educação e as humanidades, um dos que introduziram no país a prática e a interpretação experiencial dos testes de inteligência, de personalidade e de aproveitamento, o seguidor de Abílio Cesar Borges que examinou criticamente a mentalidade, as concepções e obras intelectuais e pedagógicas de prohomens baianos como João Barbosa de Oliveira, André Rebouças, Teodoro Sampaio, de Ruy Barbosa e do próprio Barão de Macaúbas, que escolheu para modelo e patrono em sua marcante carreira de educador.

A Faculdade inspirou a esse mestre uma série considerável de planos e projetos, em aulas de abertura de períodos letivos, em conferências, em artigos e livros que testemunham sua preeminência nas questões educacionais e o acendrado e militante civismo que, desde muito moço, lhe exaltava o ânimo. Ademais dessa vasta obra, cuja bibliografia urge levantar, legou aos psicólogos, aos lingüistas, aos antropólogos e sociólogos um acervo de mais de 30 mil notas, tomadas hora a hora, sobre o desenvolvimento físico e orgânico, sobre o desenvolvimento da personalidade, sobre a fala e a linguagem, a aprendizagem dos valores e dos costumes e sobre a socialização de quatro dos seus filhos menores durante os primeiros anos de vida. Esse material representa com certeza o melhor da herança que deixou à Universidade, pelo seu valor intrínseco, pela raridade, pela peculiaridade de retratar processos de crescimento humano na sociedade brasileira de determinado momento e como prova de sua incomum capacidade de trabalho, de indomável energia, da riqueza interior cristã de que deu evidências edificantes nos últimos anos de vida. Escolheu superar o sofrimento e o comprometimento grave da saúde, ainda estudando, investigando e escrevendo com extraordinário sacrifício substanciais obras sobre o pensamento, as lições morais e as virtudes de Dante, sobre a história e a sociologia da região da Bahia, as Matas do Sertão de Baixo, em que nasceu e em que se projetou sua família. Esse conjunto de atributos de personalidade, de capacidades, de liderança, constituiu-se num exemplo que alguns de seus colaboradores e discípulos procuraram seguir e num estímulo que há de continuar animando os que hoje têm a responsabilidade de prolongar sua obra e realizarem seu ideal, a par de lhe examinarem as inquietações espirituais, o temperamento ao mesmo tempo emotivo e generoso, as opções políticas, o idealismo combativo e criador.

Ficou-nos de Isaias a lição de que cabe à Faculdade de Filosofia ser elemento primacial, na Universidade, do programa traçado superiormente por Newman de formação do homem antes de

treinar o cientista, o professor, o técnico, o profissional. Por ocasião das vívidas discussões sobre a passada reforma universitária e sua adoção na Bahia, escrevendo *As Funções da Faculdade de Filosofia* (Publ. da U. Federal da Bahia, Faculdade de Filosofia, 1966), tive oportunidade de manifestar que "a grandeza dos verdadeiros cientistas consiste em serem especialistas completados de humanistas - de filósofos, de estetas, de eruditos nas letras e na história" e ajun- "Assim se têm formado os cientistas em todo o mundo e isto é, em grande parte, obra do convívio, do encontro, do trabalho conjunto de interessados nas ciências e técnicas com cultores das humanidades em escolas universitárias, isto é, unificadoras e sintetizadoras do saber". Dali a conclusão de que "a função criadora dos institutos na pesquisa e nos altos estudos será tanto mas produtiva e completa quanto mais universais forem os interesses, as perspectivas e a própria formação dos que dali irão procurar a especialização já iniciada no clima universalista das escolas do tipo da faculdade de filosofia ou de escolas equivalentes. A especialização precoce pela freqüência de institutos fechados sobre suas áreas, ainda que tematicamente ligados a outras esferas pelas chamadas disciplinas de integração, e a destruição do único centro unificador já existente - era o tempo em que se pensava distribuir a muitas outras unidades novas as matérias que a Faculdade ministrava - resultaria em agravar aquilo que Denis de Rougemont, diretor do Centro Europeu de Cultura, falando em 1965 à Conferência Permanente dos Reitores e vice Chanceleres de Universidades da Europa, denunciava como um movimento de divergência, "de dissociação, de divisão e de separação, que é propriamente babélico" e que se observava na época em muitos centros universitários.

São idéias, estas, a retomar agora que a Universidade, mais consciente de suas responsabilidades para com a Nação, experimenta a necessidade de repensar seus objetivos, seus métodos, suas estruturas, seu campo de ação.

Crente, com Marguerite Yourcenar, em que "a criatividade não acaba aos 40; existe enquanto há vida"; cômico embora das limitações de minhas forças, recebo o título de Professor Emérito com a clara noção das responsabilidades que envolve e com o ânimo de não desmerecê-lo, atento à advertência também de Isaias de que é preciso "envelhecer sem envilecer". E pedindo a Deus que perceba ou que os amigos leais a tempo me advirtam da inutilidade ou da imprestabilidade que o passar da idade inexoravelmente acarreta.

Felicito-me de que os passos que se concluem nesta outorga se devem à iniciativa do prezado colega Luis Henrique Dias Tavares, o autorizado e prestigioso historiador de conceito firmado no teor de suas investigações e interpretações, na sisudez das posturas científicas, na persistência dos interesses acadêmicos. Oriunda, assim, do Departamento de História, a que pertenci durante todo o meu exercí-

cio, essa indicação interpretava igualmente propósito expresso no Departamento de Antropologia pela realizadora colega Consuelo Pondé de Sena. Favoreceu-me também o parecer do relator, o dileto e acreditado companheiro de muitos anos Joaquim Batista Neves, um dos mais fiéis a Isaias Alves, alcançando acolhimento da proposta entre os membros da ilustre Congregação a que preside a operosidade de Ruy Simões. Esse parecer foi acatado benevolmente pelo egrégio Conselho Universitário, em que coube analisá-lo ao Prof. Penildon Silva, um nome que enaltece nossa Universidade e a conquista pela simpatia pessoal. Soma-se a essas circunstâncias a palavra generosa de Waldir Freitas de Oliveira, um dos colegas que mais quero e admiro, na Faculdade, pelo idealismo e pela integridade como estudioso e pesquisador nos conexos domínios da Geografia e da História.

Nem sei como exprimir com perfeita justeza meus agradecimentos a tantos que acabam, por bem dizer, de aprovar minhas provas de dilatado concurso, cumulando-me com a honraria que recebo comovido e compensado. Sou, na verdade, um privilegiado, antes de tudo, pelas excelentes amizades e pela boa vontade que, estas sim, conquistei nos saudosos anos do exercício do ensino ao lado de valores que me foram encorajadores e exemplares e cujos nomes gostaria de mencionar se não me determinasse a ser conciso e não temesse imperdoáveis omissões.

Muito do que fiz devo também às provas de confiança que me deu Anísio Teixeira, fazendo-me um dos responsáveis, com o colega Charles Wagley, da Columbia University, pela direção e execução de extensa e importante pesquisa social em nosso Estado, bem como pelas condições e apoio para que realizasse no Rio Grande do Sul estudo de campo sobre a assimilação de imigrantes italianos. Minha participação no conselho e na direção da Fundação para o Desenvolvimento da Ciência na Bahia e a promoção de primeira viagem de estudos ao exterior são alguns dos débitos inestimáveis a esse amigo e extraordinário "estadista da educação", como o chamou tão lucidamente Hermes Lima. Feliz também é para mim que isto suceda ao haver a nossa Faculdade de Filosofia completado seus iniciais 40 anos de fecundo trabalho. Valho-me do ensejo para um apelo aos colegas e alunos daquela escola de humanidades no sentido de que, para edificação das novas gerações e justiça às passadas, se incumbam de traçar a história desses decênios de presença, de pioneirismo, de criatividade. É mais uma vez para que se reexamine, no quadro das realidades atuais, o papel daquele gênero de institutos numa Universidade integrado em seu tempo e nos questionamentos de sua sociedade. Toca-me profundamente que esta titulação coincida com o coroamento de minhas Bodas de Ouro matrimoniais celebradas o ano passado entre tantos parentes e amigos. Partilho com minha esposa, Mariá, não apenas as alegrias

que aqui se prolongam daquela data, e que devo todas a ela, e que emocionaram toda a nossa numerosa e queridíssima família. Devo-lhe a compreensão e paciência, os muitos sacrifícios para que eu pudesse ser assíduo e pontual às aulas, às reuniões, aos livros e aos colegas que me fizeram e tanto devo. Permitiu-me ela que, por esse modo, trancado em meu gabinete, àvido na leitura e nas anotações, imitar, longinquamente embora, a Plínio, o velho, na sábia recomendação de "nulla dies sineiea". Relembro o pai tão cedo ceifado, exemplo perene de caráter, e à mãe terna, vigilante, que me colocou no caminho a que hoje chego.

Quero sublinhar o fato de que valoriza eminentemente meu novo título o haver sido concedido e de o receber das mãos do Reitor Luis Fernando de Seixas Macêdo Costa, cuja administração é um dos marcos mais altos de nossa Universidade por seu talento e incansável presença a todas as atividades acadêmicas, as mais modestas e as mais importantes, e por seu espírito de compreensão e acolhida a todos os colegas e alunos no cotidiano e nos momentos de dificuldades, coadjuvado, entre outros, pelo Vice-Reitor José Calasans, uma das admirações e amizades que desde muito prezo a contar da Faculdade.

Abraço afetuosamente a todos os estimados alunos, colegas, funcionários de todas as categorias aos quais devo as amáveis recordações dos muitos anos que passei entre os mesmos, sempre cercado de atenções e tolerância. Entretanto, não me despeço de nossa Universidade. Se a aposentadoria não conseguiu afastar-me, empenhado em aprender e colaborar com a mesma, ainda limitada-mente, a condição de Professor Emérito, ao contrário de egresso e dispensado do trabalho, obriga-me gostosamente a continuar na Universidade até me faltarem as forças ou deixarem de me aturar.

SUMMARY

In a speech delivered upon the occasion of his being awarded the title of Professor Emeritus of the Federal University of Bahia, the author expresses his gratitude for the honours received and discourses on the teaching career and the social functions of university professors.

One of the founding scholars of the Faculty of Philosophy and Humanities, also a physician, and a social scientist dedicated to anthropological and sociological studies, Thales de Azevedo, in this address, both as a professor and a researcher, exalts the academic activities, as well as the many friends he was able to make during his university career.

RÉSUMÉ

L'auteur, dans un discours prononcé lors de la réception du titre de Professeur Emérite de la UFBA, remercie l'honneur qui lui est fait et disserte sur la carrière du professorat et le fonction sociale de l'enseignant.

Thales de Azevedo, un des fondateurs de la Faculté de Philosophie et des Sciences Humaines, médecin qui s'est consacré à l'étude de l'Anthropologie et de la Sociologie, comme professeur et comme chercheur, exalte, dans ce discours, les activités académiques et les amitiés qu'il a pu nouer à l'Université.